

CUIDADO DE ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE ÀS CRIANÇAS COM MICROCEFALIA RELACIONADA AO ZIKA VÍRUS

Recebido em: 24/03/2023

Aceito em: 28/04/2023

DOI: 10.25110/arqsaude.v27i4.2023-011

Fabíola Pereira Paixão Farias ¹
Michelle Araújo Moreira ²
Patrícia Figueiredo Marques ³
Lacita Menezes Skalinski ⁴
Emanuella Gomes Maia ⁵

RESUMO: Introdução: A microcefalia é uma condição neurológica que se caracteriza por anormalidades no crescimento craniano e pode ser causada por vários fatores como a desnutrição, o uso de drogas, as infecções e mais recentemente pela contaminação pelo Zika Vírus. Apenas em 2015, o Ministério da Saúde (MS) estabeleceu pela primeira vez a possibilidade de relação entre as crianças portadoras de microcefalia e a infecção congênita pelo vírus Zika, sendo confirmada pelo Instituto Evandro Chagas (IEC), laboratório de referência nacional e internacional em ciências biológicas, meio ambiente e medicina tropical das arboviroses. Objetivo: analisar as ações realizadas pelas enfermeiras na assistência às crianças com microcefalia relacionada ao Zika Vírus na Atenção Primária à Saúde. Metodologia: Trata-se de um estudo transversal, com abordagem qualitativa, realizado com enfermeiras que assistiram crianças com microcefalia por Zika Vírus em cinco municípios do NRS SUL/Itabuna. Os dados foram coletados por entrevista semiestruturada, entre agosto e setembro de 2020. A análise do perfil biopsicossocial das enfermeiras foi realizada por estatística descritiva e as entrevistas foram processadas pela análise de conteúdo temática proposta por Bardin. Principais Resultados: Revelou-se que, as ações de acompanhamento realizadas pelas enfermeiras se restringiram à imunização e ao Programa de Crescimento e Desenvolvimento, demonstrando a importância de um olhar ampliado para as complicações/sequelas da Zika nas crianças assistidas. Conclusão: Identificou-se que, a assistência de enfermagem é restritiva, sendo necessária ações de educação permanente para estas profissionais qualificarem o cuidado às crianças com microcefalia por Zika Vírus.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidados de Enfermagem; Microcefalia; Zika Vírus; Atenção Primária À Saúde.

¹ Mestre em Enfermagem pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

E-mail: fabiolappfarias01@gmail.com

² Doutora e Pós-doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA). E-mail: mamoreira@uesc.br

³ Doutora em Enfermagem. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: pfmenf@ufrb.edu.br

⁴ Doutora em Saúde Pública. Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: lmskalinski@uesc.br

⁵ Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: egmaia@uesc.br

NURSING CARE IN PRIMARY HEALTH CARE FOR CHILDREN WITH MICROCEPHALY RELATED TO ZIKA VIRUS

ABSTRACT: Introduction: Microcephaly is a neurological condition that is characterized by abnormalities in head growth and can be caused by several factors such as malnutrition, drug use, infections and, more recently, contamination by the Zika Virus. Only in 2015, the Ministry of Health (MS) established for the first time the possibility of a relationship between children with microcephaly and congenital Zika virus infection, which was confirmed by the Evandro Chagas Institute (IEC), a national and international reference laboratory in biological sciences, environment and tropical medicine of arboviruses. Objective: to analyze the actions performed by nurses in the care of children with microcephaly related to the Zika Virus in Primary Health Care. Methodology: This is a cross-sectional study, with a qualitative approach, carried out with nurses who assisted children with microcephaly due to Zika Virus in five municipalities of NRS SUL/Itabuna. Data were collected through semi-structured interviews, between August and September 2020. The analysis of the nurses' biopsychosocial profile was performed using descriptive statistics and the interviews were processed using the thematic content analysis proposed by Bardin. Main Results: It was revealed that the follow-up actions carried out by the nurses were restricted to immunization and the Growth and Development Program, demonstrating the importance of an expanded look at the complications/sequelae of Zika in the assisted children. Conclusion: It was identified that nursing care is restrictive, requiring continuing education actions for these professionals to qualify the care of children with microcephaly due to the Zika Virus.

KEYWORDS: Nursing Care; Microcephaly; Zika Virus; Primary Health Care.

CUIDADOS DE ENFERMERÍA EN ATENCIÓN PRIMARIA A NIÑOS CON MICROCEFALIA RELACIONADA CON EL VIRUS ZIKA

RESUMEN: Introducción: La microcefalia es una condición neurológica que se caracteriza por anomalías en el crecimiento de la cabeza y puede ser causada por varios factores como la desnutrición, el consumo de drogas, infecciones y, más recientemente, la contaminación por el Virus Zika. Sólo en 2015, el Ministerio de Salud (MS) estableció por primera vez la posibilidad de relación entre niños con microcefalia e infección congénita por el virus Zika, lo que fue confirmado por el Instituto Evandro Chagas (IEC), laboratorio de referencia nacional e internacional en ciencias biológicas, medio ambiente y medicina tropical de arbovirus. Objetivo: analizar las acciones realizadas por enfermeros en la atención de niños con microcefalia relacionada al virus Zika en la Atención Primaria de Salud. Metodología: Se trata de un estudio transversal, con abordaje cualitativo, realizado con enfermeros que atendieron niños con microcefalia por Virus Zika en cinco municipios de NRS SUL/Itabuna. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestructuradas, entre agosto y septiembre de 2020. El análisis del perfil biopsicosocial de las enfermeras se realizó mediante estadística descriptiva y las entrevistas se procesaron mediante el análisis de contenido temático propuesto por Bardin. Principales resultados: Se reveló que las acciones de seguimiento realizadas por las enfermeras se restringían a la inmunización y al Programa de Crecimiento y Desarrollo, demostrando la importancia de una mirada ampliada a las complicaciones/secuelas del Zika en los niños asistidos. Conclusiones: Se identificó que los cuidados de enfermería son restrictivos, requiriendo acciones de educación continuada para que estos profesionales cualifiquen el cuidado de los niños con microcefalia debido al Virus Zika.

PALABRAS CLAVE: Cuidados de Enfermeria; Microcefalia; Virus Zika; Atención Primaria de Salud.

1. INTRODUÇÃO

O vírus causador da doença denominada Zika foi isolado, pela primeira vez, no ano de 1947 através do sangue de macaco do gênero *Rhesus*, na floresta de Zika, situada no continente africano (LESSER; KITRON, 2016). Em seres humanos, foram identificados três casos, na Nigéria, no ano de 1957. Desde então, o vírus foi se dispersando, ocorrendo uma epidemia em 2007 na República da Micronésia e, em 2013, na Polinésia Francesa (RIBEIRO; KITRON, 2016). No Brasil, em outubro de 2016, a Secretaria Executiva de Vigilância Sanitária em Saúde do Estado de Pernambuco recebeu a notificação de 54 casos de microcefalia em crianças nascidas a partir do mês de agosto do referido ano. Essas notificações caracterizaram o aumento significativo no número de ocorrências de microcefalia no referido Estado, que até aquele momento, registrava a média de 9 casos por ano, levando a doença a ser considerada um agravo de saúde pública, demandando estudos nacionais que explicassem os altos índices (PERNAMBUCO, 2015; ZANLUCA *et al.*, 2015; CAMPOS; BANDEIRA; SARDI, 2015; FANTINATO e WADA, 2016; BRASIL, 2016).

A microcefalia é uma malformação congênita, que se caracteriza pelo não desenvolvimento adequado do cérebro, bem como por um perímetro cefálico (PC) inferior ao esperado para a idade e sexo. O Ministério da Saúde (MS) definiu como casos suspeitos recém-nascidos (RN) de 37 semanas ou mais de idade gestacional (IG) e com $PC \leq 33\text{cm}$, tendo, em dezembro de 2015, reduzido essa medida para 32cm (SOUZA *et al.*, 2016). Este agravo pode ser causado por vários fatores, dentre os quais convém elencar a infecção pelo Zika Vírus. Em 2015, o MS estabeleceu pela primeira vez a possibilidade de relação entre o aumento do número de casos de crianças nascidas com microcefalia e a infecção congênita pelo Zika Vírus em Pernambuco, sendo confirmada pelo Instituto Evandro Chagas (IEC), laboratório referência de arboviroses, que detectou o vírus em exames de RN nos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. O aumento de notificações levou o MS a decretar emergência de saúde pública de interesse nacional em novembro de 2015, passando a monitorar os casos de arboviroses com potencial pandêmico e epidêmico (OLIVEIRA; VASCONCELOS, 2016; BORTOLATO *et al.*, 2023).

Sabe-se que, a Atenção Primária à Saúde (APS) deve acompanhar a criança com microcefalia por Zika Vírus, de forma compartilhada, de acordo com as diretrizes do programa de estimulação precoce para garantir um melhor acompanhamento do desenvolvimento neuropsicomotor (DNPM). Baseado nisso, a prática da enfermeira é indispensável, podendo atuar tanto na gestão, quanto na assistência às crianças com microcefalia, através de ações assistenciais, educativas e preventivas. A enfermeira deve realizar as consultas direcionadas ao desenvolvimento da criança e de suas sequelas ou complicações, atendendo as necessidades desde o pré-natal, parto, puerpério e puericultura (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Embora haja grande número de publicações a respeito da relação entre microcefalia e Zika Vírus do ponto de vista epidemiológico e morfológico, evidenciado pelo levantamento feito na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), entre os anos de 2014 a 2019, que apontou 1.063 pesquisas sobre microcefalia e Zika Vírus e apenas 9 estudos envolvendo a enfermagem, aspectos relacionados à assistência, e particularmente ao trabalho da enfermeira que atua diretamente no cuidado às crianças acometidas por essa malformação ainda foram pouco explorados. Ao considerarmos a assistência de enfermagem no âmbito da APS, locus do cuidado das condições crônicas, como se pode considerar as repercussões da microcefalia para a criança e a família, a produção científica é ainda menor. Além disso, convém mencionar que há uma lacuna quanto às publicações científicas com dados referentes ao Núcleo Regional de Saúde Sul/Itabuna (NRS SUL) que permitam ter a dimensão do problema na região investigada.

Em face do exposto, definiu-se a seguinte questão norteadora: como ocorre a assistência das enfermeiras às crianças com microcefalia relacionada ao Zika Vírus na APS dos municípios do NRS SUL?

Para tanto, este estudo teve como objetivo: analisar as ações realizadas pelas enfermeiras na assistência às crianças com microcefalia relacionada ao Zika Vírus na APS dos municípios do NRS SUL.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa sobre as ações realizadas pelas enfermeiras no cuidado às crianças com microcefalia relacionada ao Zika Vírus na APS. A pesquisa qualitativa tem fundamento teórico que permite desvelar os processos sociais ainda pouco conhecidos com maior

profundidade e como objetivo interpretar os fenômenos apreendidos, que exigem respostas não representadas na forma de números (MINAYO; COSTA, 2018).

O local do estudo definiu-se por 22 municípios do NRS SUL/Itabuna. Destes, apenas cinco municípios (Itabuna, Buerarema, Camacã, Ibirapitanga e Pau-Brasil) apresentaram casos notificados e confirmados de microcefalia por Zika Vírus, no período de 2015 a 2019, compondo o *locus* final da pesquisa.

As participantes da pesquisa foram seis enfermeiras que atuam nas Unidades de Saúde da Família (USF) dos cinco municípios selecionados, atendendo aos seguintes critérios de inclusão: atuar na atenção primária há mais de 6 meses; prestar a assistência de enfermagem às crianças com microcefalia decorrente do Zika Vírus. Foram excluídas aquelas que estavam de licença e/ou afastamento por qualquer motivo e que não prestaram assistência às crianças com microcefalia decorrente do Zika Vírus. Para evitar a identificação das enfermeiras, cada uma foi codificada com o nome de uma pedra preciosa.

A coleta dos dados ocorreu virtualmente, entre os meses de agosto e setembro de 2020. Primeiramente, foi realizado o contato com as enfermeiras, via aparelho celular, com o intuito de explicar sobre os objetivos da pesquisa, e posteriormente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado, via e-mail, para leitura e assinatura prévia. As entrevistas foram realizadas por videoconferência, por meio das plataformas digitais “*Google Meet e Skype*”, guiada por um roteiro com questões fechadas referentes à caracterização biopsicossocial das enfermeiras e questões abertas sobre o fenômeno investigado, explicitadas a seguir: *Conte-me experiências de quando você atendeu uma criança com microcefalia relacionada ao Zika Vírus pela primeira vez? Conte-me experiências de quando você atende uma criança com microcefalia relacionada ao Zika Vírus nas consultas de acompanhamento de rotina? Você se sentiu preparada(o)/qualificada(o) para dar a assistência adequada à criança com a microcefalia relacionada ao Zika Vírus? Explique as habilidades que você usou e julgou como necessárias nesse tipo de atendimento. Você já participou de algum treinamento ou capacitação para atender as crianças com microcefalia relacionada ao Zika Vírus? Conte-me como aconteceu a interação entre você, a criança com microcefalia relacionada ao Zika Vírus e a família. Existe algo de positivo/negativo no atendimento à criança com microcefalia relacionada ao Zika Vírus? Existe algo no seu serviço que dificulte o encaminhamento das crianças com microcefalia relacionada ao Zika Vírus para um outro nível de complexidade? Existe uma rede de atenção organizada para*

atender as crianças com microcefalia relacionada ao Zika Vírus no seu município? Se sim, explique-me como ela está organizada. Você acha que existe alguma estratégia que o próprio serviço de saúde ou a gestão municipal possam executar para melhorar o atendimento às crianças com microcefalia relacionada ao Zika Vírus? Como você, enquanto profissional, pode contribuir para melhorar o atendimento a essas crianças com microcefalia relacionada ao Zika Vírus?

O conteúdo das entrevistas foi transcrito e analisado pela técnica de conteúdo temática proposta por Bardin, através das etapas: 1) Transcrição da gravação de todo o material produzido pelas entrevistas semiestruturadas; 2) Análise do *corpus* que se inicia com a leitura flutuante de todo o material, com a finalidade de se familiarizar com o objeto de análise e, logo em seguida, foram realizadas operações de codificação, ou seja, organização do texto em núcleos de sentido; e 3) Tratamento dos resultados e interpretações/inferências. Em seguida à exploração e preparação do material, foi construída uma categoria, o que permite realizar inferências e interpretações. O perfil biopsicossocial das enfermeiras foi analisado por estatística descritiva, por meio de frequências absolutas e/ou relativas.

A proposta deste estudo foi apreciada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), sendo aprovada sob número de parecer 4.045.379, obedecendo às Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que discorrem sobre a ética em pesquisa com seres humanos.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A assistência direta às crianças com microcefalia por Zika Vírus nos municípios analisados foi realizada integralmente por enfermeiras do sexo feminino, e majoritariamente com idade entre 41 e 50 anos. Quanto ao tempo de serviço na USF, observou-se que grande parte possuía pouco tempo de atuação, sendo abaixo dos 4 anos conforme **Tabela 1**. Em 2015, quando as notificações eclodiram no Brasil, aquelas que possuíam no máximo 4 anos de atuação ainda se encontravam na graduação, enquanto que aquelas com mais de 4 anos puderam vivenciar essa epidemia da doença provocada pelo Zika Vírus. Contudo, elas relataram que não chegaram a acompanhar nenhum caso de microcefalia nas USF onde trabalhavam na ocasião.

Tabela 1 – Perfil biopsicossocial das enfermeiras que acompanharam crianças com microcefalia por Zika Vírus, nas USF dos municípios do NRS SUL/Itabuna, (n=6), 2020.

VARIÁVEIS	N	%
-----------	---	---

Sexo		
Feminino	6	100%
Faixa etária		
30 - 40 anos	2	33,4%
41 - 50 anos	4	66,6%
Tempo de serviço na USF (anos)		
>6 meses - 5 anos e 11 meses	4	66,6%
≥6 anos até <8 anos	1	16,7%
≥ 8 anos até ≤12 anos	1	16,7%
> Acima de 12 anos	-	-
TOTAL	6	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a análise do perfil, procedeu-se à identificação dos núcleos de sentido, para a categorização e codificação temática, apresentadas a seguir:

4. AÇÕES DESENVOLVIDAS PELAS ENFERMEIRAS VOLTADAS ÀS CRIANÇAS COM MICROCEFALIA CAUSADA POR ZIKA VÍRUS

As profissionais relataram inicialmente preocupação e insegurança ao lidar com a criança com microcefalia, pois o manejo era considerado algo novo e nunca tinham vivenciado essa situação ao longo da trajetória profissional, somado ao pouco conhecimento científico acerca da microcefalia e das possíveis complicações além da ausência de sensibilização na atenção primária sobre o atendimento a esse público, o que poderia interferir na assistência direta às crianças e suas famílias, conforme falas a seguir:

eu na verdade fiquei um pouco preocupada porque eu não sabia lidar, era uma experiência nova de lidar com uma criança com microcefalia, que até então eu não tinha tido essa experiência (**Esmeralda**).

[...] me sinto um pouco despreparada no atendimento porque ele necessita de muitos cuidados, a questão de interagir com ele, com a criança é mais difícil (**Rubi**).

Além disso, as enfermeiras desvelaram a dificuldade em assistir crianças com microcefalia por Zika Vírus em virtude das sequelas motoras, alimentares e cerebrais que apresentaram ao longo do desenvolvimento e por se tratar de uma condição crônica, como sinalizado abaixo:

a criança também não tinha firmeza para sentar, 6 meses e não sentava ainda (**Ametista**).

[...] uma tava com problema respiratório, não conseguia se alimentar bem. As duas não conseguiam deglutir bem, então assim, desenvolvimento tanto motor, como cerebral tava bem atrasado (**Diamante**).

Desse modo, percebe-se que, mesmo diante das fragilidades relacionadas à educação permanente sobre microcefalia e Zika Vírus na atenção primária à saúde (APS), as enfermeiras prestam atendimento às crianças e suas famílias, como revelam os depoimentos a seguir:

a experiência é que a gente tenta fazer de tudo pra criança evoluir, aquela coisa, mas é trabalhoso, a criança toda cheia de dificuldades, mas no final das contas a gente vendo o progresso, a gente se sente feliz e satisfeita (**Ametista**).

mas eu sei que eu posso melhorar, até no sentido de dar um apoio emocional à família e falar para a mãe (**Safira**).

As enfermeiras têm utilizado como estratégia de atendimento o desenvolvimento do vínculo com a mãe da criança, muitas vezes motivado no contato presencial, mas também por meio do uso das tecnologias da informação e comunicação (TICS), com o auxílio do aparelho celular e aplicativos. Outra estratégia é incentivar a interação com o agente comunitário de saúde (ACS) e a realização de consultas compartilhadas com outros profissionais de saúde, além de encaminhamentos para serviços de apoio à APS como o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), como apresentado abaixo:

Desenvolveu uma relação muito boa durante o pré-natal e isso se firmou de uma forma que até hoje ela possui meu celular, ela tem o meu número, ela me pede, então, assim, estabelecemos um vínculo (**Esmeralda**).

solicitei duas consultas compartilhadas com a terapeuta ocupacional, que ela me ajudou também a estar observando questões mais específicas nessas crianças (**Diamante**).

As estratégias de atendimento desenvolvidas pelas enfermeiras abarcam ações básicas preconizadas pelo MS (como a imunização, o acompanhamento do Crescimento e Desenvolvimento (CD) e as atividades de educação em saúde), mas com atenção especial às especificidades e necessidades que envolvem o desenvolvimento das crianças com microcefalia por Zika Vírus no intuito de minimizar as sequelas conforme demonstradas nas falas a seguir:

a princípio eu fiz o atendimento do CD igualmente os outros, atendimento de crescimento e desenvolvimento da criança. Então é, avaliação do desenvolvimento, antropometria que a gente também avalia e, fora isso, via a questão do desenvolvimento cognitivo das crianças (**Diamante**).

o que eu observava na criança era estado nutricional, hidratação, medida do perímetro cefálico, fazia toda aquela parte das medidas, das vacinas (**Esmeralda**).

Nesse sentido, a enfermeira realiza as consultas de puericultura com atenção especial aos aspectos que envolvem o desenvolvimento das crianças com microcefalia por Zika Vírus, verificando as suas especificidades e necessidades, a fim de minimizar as sequelas.

5. DISCUSSÃO

A Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), instituída em 2006, norteia o trabalho da enfermeira na gestão e assistência às necessidades e demandas das crianças com microcefalia, através de práticas assistenciais, educativas e preventivas (MOROSINI; FONSECA, 2017). A enfermeira deve realizar as consultas direcionadas ao desenvolvimento da criança e atentar para as complicações decorrentes do agravo, atendendo as suas necessidades desde o pré-natal, parto e puericultura (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Sabe-se que as crianças com microcefalia por Zika Vírus podem apresentar comprometimento de várias áreas do desenvolvimento a curto, médio e longo prazo, incluindo as deficiências neuronais, o que demanda intervenções precoces que melhorem a adaptação e funcionalidade das mesmas (BRUNONI *et al.*, 2016). Quando a infecção pelo Zika Vírus ocorre durante o primeiro trimestre da gravidez, as consequências para a criança podem ser ainda mais acentuadas (TEIXEIRA *et al.*, 2020). Contudo, de acordo com um estudo realizado com gestantes de um hospital do Centro-Oeste, observou-se predomínio de casos positivos para Zika Vírus (53%), no segundo trimestre da gestação, o que significa que a infecção deve ser considerada relevante em qualquer idade gestacional (LOURO *et al.*, 2019).

Diante disso, faz-se necessário que as enfermeiras reconheçam as manifestações clínicas, desde o desenvolvimento cognitivo ao de mobilidade prejudicada, a fim de estabelecer um plano de cuidados para essas crianças, no sentido de melhorar a qualidade de vida, através de uma assistência integral, humanizada e qualificada. Destaca-se um estudo realizado com vinte profissionais de enfermagem da ESF, no Rio Grande do Sul, o qual evidenciou que um atendimento de baixa qualidade pode ser um fator de precarização na saúde (SODER *et al.*, 2018).

Dessa forma, o atendimento às crianças com microcefalia por Zika Vírus deve ser realizado de forma pormenorizada, compartilhada, devendo-se incorporar as várias especialidades para verificação das necessidades deste grupo com os devidos encaminhamentos e com o máximo de vinculação. É fundamental que, a enfermeira

compreenda as demandas das crianças com microcefalia por Zika Vírus, que por vezes podem apresentar sequelas e complicações que afetam drasticamente a qualidade de vida. Para tanto, esta profissional deve atuar com base no Projeto Terapêutico Singular (PTS), permitindo uma assistência integral e qualificada às crianças com microcefalia por Zika vírus e às suas famílias (BRASIL, 2017).

Ressalta-se que, o PTS é uma estratégia importante na assistência, pois permite resolutividade às necessidades dos usuários, neste caso, às crianças com microcefalia por Zika Vírus, através da elaboração de um plano assistencial individualizado e de acordo com as suas reais demandas, com interação entre criança-enfermeira-família (NETO *et al.*, 2021).

Além disso, o NASF, tem papel importante no acompanhamento das crianças com microcefalia por Zika vírus, por possibilitar que as equipes multidisciplinares atuem de forma integrada com a APS, desde o acompanhamento do pré-natal até a fase da puericultura. Esse órgão desenvolve um trabalho assistencial e de orientação educacional com a realização de atividades individualizadas ou em grupos, através de oficinas, reuniões com mães, familiares e/ou cuidadores (SANTOS; BARBOSA, 2019).

No que tange ao acompanhamento realizado pela enfermeira, evidencia-se a importância da consulta de CD, momento em que esta profissional identificará precocemente as alterações no crescimento e no desenvolvimento neuropsicomotor da criança com microcefalia por Zika Vírus, associando-a às visitas domiciliares e atividades educativas com vistas à promoção da saúde (CAVEIÃO, 2016).

Ressalta-se que, a puericultura é uma prática que permite a vinculação do binômio mãe-filho, com troca de saberes entre a equipe e a família com vistas a uma maior qualidade de vida infantil. Portanto, as consultas de puericultura na Atenção Básica (AB) para crianças com microcefalia são fundamentais nas práxis das enfermeiras e dos demais profissionais, abarcando exames e ações de imunização (YAKUWA *et al.*, 2016).

Percebe-se que, os serviços e a equipe multiprofissional de saúde, em especial as enfermeiras, possuem papel imprescindível no enfrentamento das questões que envolvem a microcefalia por Zika Vírus, com a inclusão desses indivíduos no processo do cuidar a fim de minimizar os possíveis danos. Ademais, o MS aponta que é de grande importância o olhar diferenciado da enfermeira para garantir que as crianças com microcefalia por Zika Vírus tenham um seguimento adequado na rede de atenção primária em parceria com serviços de especialidades e reabilitação (BRASIL, 2017).

Por fim, evidencia-se a necessidade da educação permanente sobre o fenômeno investigado a fim de que as enfermeiras possam oferecer um maior suporte às mães, crianças e suas famílias, através de informações precisas e comunicação assertiva sobre os cuidados. Os limites do conhecimento acerca da condição da microcefalia não sobrepõem o modo de fazer das enfermeiras que buscam, em meio aos obstáculos, adequar as suas práticas e atender às reais necessidades das crianças acometidas pelo Zika Vírus (CRUZ; CHICATI; BARSAGLINI, 2018).

6. CONCLUSÃO

A assistência das enfermeiras às crianças com microcefalia por Zika Vírus está concentrada em consultas compartilhadas, atividades de imunização, crescimento e desenvolvimento (CD), referência para serviços da Rede de Atenção à saúde e ações de educação em saúde, sendo esta última ampliada para a sua rede de apoio. Embora estas profissionais utilizem das suas competências e habilidades para oferecer um atendimento de qualidade com acompanhamento regular, percebe-se uma necessidade de maior capacitação destas profissionais.

Nesse sentido, este estudo pode contribuir para a ampliação do cuidado às crianças com microcefalia, suas famílias e sociedade na medida em que desvela a importância da assistência das enfermeiras, permitindo que gestores invistam na educação permanente, garantindo que estas crianças tenham uma atenção pormenorizada, humanizada e integral que repercuta na sua qualidade de vida. Aos enfermeiros em formação, a pesquisa é de extrema relevância, por demonstrar que essa categoria profissional é capaz de acolher e ter práticas seguras no que tange ao cuidado à criança com microcefalia por Zika vírus.

As limitações do estudo, em virtude da pandemia do COVID-19, estão relacionadas à dificuldade em observar a comunicação não verbal das participantes, por ter sido conduzido de forma remota e em obter uma amostra mais significativa, pelo fato de algumas enfermeiras não terem assistido as crianças com microcefalia na atenção primária à saúde em dois dos municípios selecionados. Ressalta-se ainda que, em virtude de um novo aumento das arboviroses no Brasil, é fundamental que mais estudos sejam realizados sobre o cuidado às crianças com microcefalia por Zika Vírus.

REFERÊNCIAS

BORTOLATO, IVF *et al.* DETECÇÃO DE FLAVIVIRUS E ALPHAVIRUS EM MOSQUITOS (DIPTERA: CULICIDAE) CAPTURADOS EM REGIÃO PRÓXIMA À TRÊS LAGOAS - MS. **Arq. ciências saúde UNIPAR**, v. 27, n. 3, p. 1204-22, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/saude/article/view/9424/4603>. Acesso em: 13 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Zika**: abordagem clínica na atenção básica. Brasília (DF): MS, 2016. Disponível em: http://www.saude.pi.gov.br/uploads/warning_document/file/276/livro.pdf. Acesso em: 17 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Orientações integradas de vigilância e atenção à saúde no âmbito da emergência de saúde pública de importância nacional**: procedimentos para o monitoramento das alterações no crescimento e desenvolvimento a partir da gestação até a primeira infância, relacionadas à infecção pelo vírus Zika e outras etiologias infecciosas dentro da capacidade operacional do SUS. Brasília (DF): MS, 2017. Disponível em: pesquisa.bvsalud.org/bvsmis/resource/pt/mis-38977. Acesso em: 10 nov. 2020.

BRUNONI, D *et al.* Microcefalia e outras manifestações relacionadas ao vírus Zika: impacto nas crianças, nas famílias e nas equipes de saúde. **Cien Saúde Colet**, v. 21, n. 10, p. 3297-302, 2016. Disponível em: [jwww.scielo.org/article/csc/2016.v21n10/3297-3302](https://www.scielo.org/article/csc/2016.v21n10/3297-3302). Acesso em: 10 dez. 2020.

CAMPOS, GS; BANDEIRA, AC; SARDI, SI. Zika vírus out break, Bahia, Brazil. **J Emerg Infect Dis**, v. 21, n. 10, p. 1885-6, 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4593454/pdf/15-0847.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2020.

CAVEIÃO, C. Vírus Zika suas complicações relacionadas à microcefalia e guillain-barré. **Cad Esc Saúde**, v. 1, n. 15, p. 3-6, 2016. Disponível em: www.researchgate.net/publication/308023852. Acesso em: 10 jan. 2021.

CRUZ, GVSF; CHICATI, TFC; BARSAGLINI, RA. A experiência de enfermeiras na assistência às crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus. **Investigação Qualitativa em Saúde**, v. 2, p. 1256-65, 2018. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1903>. Acesso em: 10 dez. 2020.

FANTINATO, FFST; WADA, MY. Descrição dos primeiros casos de febre pelo vírus Zika investigados em municípios da região Nordeste do Brasil, 2015. **Epidemiol Serv Saúde**, v. 25, n. 4, p. 683-90, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ress/2016nahead/2237-9622-ress-S1679_49742016000400002.pdf. Acesso em: 25 mar. 2020.

LESSER J; KITRON U. A geografia social do zika no Brasil. **Estud av**, v. 30, n. 88, p. 167-75, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v30n88/0103-4014-ea-30-88-0167.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2020.

LOURO, NS *et al.* Caracterização dos casos notificados de Zika Vírus em gestantes em um hospital da região centro-oeste. **Enferm. Foco**, v. 10, n. 4, p. 60-6, 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2211>. Acesso em: 01 ago. 2021.

MINAYO, MCS; COSTA, AP. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Rev Lusófona de Educação**, v. 40, n. 40, p. 139-53, 2018. Disponível em: www.researchgate.net/publication/328403919. Acesso em: 02 jan. 2020.

MOROSINI, MVGC; FONSECA, AF. Revisão da Política Nacional de Atenção Básica numa hora dessas?. **Cad Saúde Pública**, v. 33, n. 1, 2017. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/static//arquivo/1678-4464-csp-33-01-e00206316.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2022.

NETO, CF *et al.* Projeto terapêutico singular como ferramenta da prática multiprofissional na atenção psicossocial. **Biomotriz**, v. 15, n. 1, p. 371-82, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/560-Texto%20do%20Artigo-3784-1-10-20211220.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2022.

OLIVEIRA, CS; VASCONCELOS, PFC. Microcephaly and Zikavirus. **J Pediatr**, v. 92, n. 2, p. 103-5, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/jped/v92n2/pt_0021-7557-jped-92-02-0103.pdf. Acesso em: 20 jan. 2020.

PERNAMBUCO (Estado). Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde. **Protocolo clínico e epidemiológico para investigação de casos de microcefalia no estado de Pernambuco**. Pernambuco: Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde, 2015. Disponível em: https://brasil.campusvirtualsp.org/sites/default/files/Protocolo_MicroencefaliaPE.pdf. Acesso em: 15 fev. 2020.

RIBEIRO GS; KITRON U. Zika virus pandemic: a human and public health crisis. **Rev Soc Bras Med Trop**, v. 49, n. 1, p. 1-3, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v49n1/1678-9849-rsbmt-49-01-00001.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2020.

SANTOS, JRB; BARBOSA, JSP. Assistência do enfermeiro ao neonato portador de microcefalia: Vírus Zika. **Rev Bras Interdiscip Saúde**, v. 1, n. 3, p. 44-8, 2019. Disponível em <https://revista.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/225/74>. Acesso em: 29 jul. 2022.

SODER, R *et al.* Desafios da gestão do cuidado na atenção básica: perspectiva da equipe de enfermagem. **Enferm. Foco**, v. 9, n. 3, p. 76-80, 2018. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/1496/465>. Acesso em: 01 ago. 2021.

SOUZA, WVL *et al.* Microcefalia no Estado de Pernambuco, Brasil: características epidemiológicas e avaliação de acurácia diagnóstica dos pontos de corte adotados para notificação dos casos. **Cad Saúde Pública**, v. 4, n. 32, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n4/1678-4464-csp-32-04-e00017216.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2020.

TEIXEIRA, GA *et al.* Análise do conceito síndrome congênita pelo Zika vírus. **Cien Saude Colet**, v. 25, n. 2, p. 567-74, 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2020.v25n2/567-574/>. Acesso em: 04 abr. 2021.

YAKUWA, MS *et al.* Saberes dos enfermeiros na atenção primária à saúde da criança. **Texto & contexto enferm**, v. 25, n. 4, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/tce/v25n4/pt_0104-0707-tce-25-04-2670015.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.

ZANLUCA, C *et al.* First report of autochthonous transmission of Zika virus in Brazil. **Mem. Inst. Oswaldo Cruz**, v. 110, n. 4, p. 569-72, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mioc/v110n4/0074-0276-mioc-0074-02760150192.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2020.